HIPOCRESIA
LA TORTURA EN CHILE
Miguel Serrano

Sobre a Presente Tradução

Ao traduzir este livro, busquei manter a fidelidade ao texto original, garantindo que sua essência e nuances fossem preservadas. No entanto, algumas adaptações foram necessárias para melhorar a experiência do leitor. Uma das principais modificações foi a substituição de algumas imagens do livro original por versões mais nítidas e coloridas, encontradas em fontes confiáveis. Trata-se das mesmas imagens, mas com maior qualidade para melhor apreciação. Além disso, algumas expressões foram cuidadosamente adaptadas para que a leitura fluísse de maneira mais natural em português, sem comprometer o significado original. Nenhum conteúdo foi alterado, omitido ou adicionado — apenas ajustado para garantir a clareza e a precisão do texto.

Espero que esta tradução ofereça aos leitores uma experiência enriquecedora e fiel à obra original.

— O Tradutor 🐇

Esta tradução foi realizada por aquele que ainda resiste aos ditames dos Grandes Sapiens.

Índice

HIPOCRISIA

A TORTURA NO CHILE

Miguel Serrano

“Não importa, camaradas!

Nosso sangue salvará o Chile!”

Pedro Molleda,

Ao ser massacrado no prédio do *Seguro Obrero*

(a “Torre do Sangue”)

Em 5 de setembro de 1938.

E seu sangue não salvou ninguém.

Hipocrisia

Sergio Valech acaba de entregar seu volumoso *Relatório sobre a Tortura durante o Regime Militar no Chile*. Por trás disso há principalmente ódio e espírito de vingança. Ele teve a oportunidade única de demonstrar sua fé no “perdão”.

Acreditamos que esta é uma boa ocasião para recordar a Monsenhor Valech também os crimes da Inquisição, cometidos por séculos, aqui, na Espanha e em todo o mundo, inclusive contra sua própria raça árabe. Tive a oportunidade de publicar recentemente o fato de que foi Monsenhor Valech, Diretor da *Vicaria da Solidaridade*, quem me comunicou a morte do sacerdote Roberto Vega, ex-nazista. Entre seus pertences — das quais Monsenhor Valech ficou responsável — havia algo que ele desejava me entregar. Pensei que seria o manuscrito das *Memórias do Nacional-Socialismo Chileno*, que Roberto havia começado a escrever, com autorização eclesiástica, e que, certamente, teria terminado. Infelizmente, não era isso. O que me enviaram foi o cartão número “1” do *Movimento Nazista do Chile*, pertencente ao “Chefe”, Jorge González von Mareés. Isso também foi publicado em minhas *Memórias de El y Yo* no segundo volume, junto com a fotografia do cartão.

Roberto Vega Blanlot foi um jovem muito especial. Digo “jovem”, porque o conheci nos anos trinta e quarenta, durante a Grande Guerra, quando ele e Jorge González von Mareés relançaram a revista nazista *Ação Chilena*, e me propuseram fundi-la com *A Nova*

Era, minha publicação daqueles anos. Recusei, preferindo continuar sozinho.

Sempre houve algo de místico em Roberto Vega, por isso não surpreendeu sua conversão ao catolicismo e sua decisão de tornar-se sacerdote. Assim viveu, miseravelmente, até seus últimos dias, em um asilo para padres pobres. Certa vez, encontrei ele caminhando pela rua *Lira*. Paramos para conversar. Ele estava de batina e levantou a cabeça para olhar o céu, com os olhos semicerrados, num gesto que era bem típico dele. Como se recebesse uma mensagem divina, me revelou que pretendia escrever *A História do Nazismo* — e já tinha até autorização da Igreja para isso. Pediu que eu lhe emprestasse uma coleção da minha revista *A Nova Era*, para complementar as memórias dele com o que tinha sido publicado na *Ação Chilena*. Aceitei na hora e mandei os exemplares por um amigo. Tempos depois, ele devolveu tudo "religiosamente". Tenho certeza de que ele terminou o livro, que deve ser de um valor incalculável. Mas essa obra nunca vai vir à luz no Chile — só a alta cúpula da Igreja ou o Vaticano devem conhecer.

Quando o assunto é alta hierarquia, lembro também do Monsenhor Valech. E é por isso que falei em hipocrisia e ódio: foi ali que ele deve ter descoberto o horror do massacre dos jovens nazistas chilenos em 5 de setembro de 1938. Comparado a isso, qualquer outra tortura ou assassinato passa a ser insignificante.

Monumento no Cemitério Geral, erguido em homenagem aos mártires nacional-socialistas chilenos, com os nomes de todos eles.

Simbolicamente, ou por um “acaso cheio de significado” (como diria Nietzsche), exatamente atrás está localizado o mausoléu da família Valech.

O Massacre de 5 de Setembro de 1938

Transcrevo abaixo um trecho do meu livro *Memórias de El y Yo* (segundo volume):

O SACRIFÍCIO RITUAL

A segunda-feira, 5 de setembro de 1938, amanheceu clara e limpa, como costumavam ser os dias em Santiago naquela época. Com os grandes dramas — sejam humanos ou da natureza — sempre é assim: na superfície, não há sinais, tudo parece oculto. Às 12h45, pouco depois do meio-dia, os nazistas tomaram o edifício da *Caja del Seguro Obrero*, na rua *Moneda*, esquina com *Morandé*, em frente à Intendência e a um tiro de pistola de *La Moneda*, sede dos presidentes do Chile. O *Seguro Obrero* é uma torre cinza de concreto, com uma escada tão estreita que torna impossível avançar para os últimos andares se alguém se entrincheirar lá. E foi exatamente o que aconteceu. Os policiais (Carabineiros) não conseguiram subir além do quarto andar, sendo repelidos a partir do quinto e sexto. Ao mesmo tempo, outro grupo de nazistas apoderou-se da *Universidade do Chile*, na *Alameda*, tomando como refém o Reitor.

O Comandante Geral do Exército era o General Oscar Novoa, e o da polícia, o General Humberto Arriagada. Reuniram-se imediatamente com o Presidente, Arturo Alessandri Palma, enquanto o General Bari encarregava-se de comandar as ações do Exército. Assim, às 14h30, o Regimento Tacna entrou em ação: cercou os edifícios e disparou uma peça de artilharia contra o

portão de entrada da Universidade do Chile, que desmoronou. As tropas entraram e acabaram com a resistência do grupo de jovens, transformando-os em prisioneiros. Houve feridos e sangue. Os policiais assumiram o controle dos jovens. A fotografia desses jovens, caminhando com os braços erguidos pela rua *Morandé* enquanto olhavam para o edifício do *Seguro Obrero* — onde seus camaradas ainda resistiam —, é um documento histórico.

Infelizmente, na *Caja del Seguro Obrero*, as coisas seguiram um rumo diferente desde o início, dando um tom fatal. Um policial de guarda na porta tentou impedir a entrada dos nazistas, sacando seu revólver, e foi executado. Mas nem isso justifica a fúria homicida dos atos que colocariam um fim ao Drama.

Braços erguidos, rendidos, massacraram todos eles.

A Torre do *Seguro Obrero*, hoje sede do Ministério da Justiça, a “Torre do Sangue”.

Desde o meio-dia até a noite daquela segunda-feira fatídica, 5 de setembro, as armas não pararam de disparar contra a “Torre do Sangue” — nome que ela ganharia mais tarde. De pistolas a fuzis e metralhadoras, todo tipo de arma foi usada. Havia até a certeza de que a artilharia do Exército entraria em ação, como aconteceu na Universidade. Além disso, gente de todo tipo estava atirando. Há uma foto, publicada por todos os jornais nos dias seguintes, que mostra um civil de sobrenome Droguett — com um perfil que lembrava uma ave de rapina — apontando sua arma para o prédio do *Seguro Obrero*. Esse mesmo homem entraria depois no massacre para dar ordens. Quem era ele? O que fazia ali? Por que deixaram que atirasse e depois executasse os jovens nazistas? De qual “organização” fazia parte? Ele surgiu do nada e sumiu do mesmo jeito, sem que ninguém nunca descobrisse mais nada.

Enquanto isso, Alessandri Palma almoçava tranquilamente em La Moneda. O General Arriagada, que comandava os policiais, depois de atirar até cansar com seu fuzil, parou um instante para falar com o Presidente e receber as ordens finais. Só que teve de esperar: o homem estava almoçando. O Presidente já tinha recebido suas instruções e, de consciência “limpa”, queria terminar a refeição antes de repassá-las aos “executores”.

E o Exército? E o General Ibáñez? Como já vimos, o Regimento Tacna entrou em cena não para apoiar os nazistas, mas para abatê-los. Naquele momento, qualquer esperança de ação militar favorável já tinha ido embora. Se os nazistas no *Seguro Obrero* ainda resistiam, era porque não sabiam do que acontecera na Universidade. E por causa do código de honra deles. Nos primeiros tiroteios, Gerardo Gallmeyer — líder jovem e corajoso — tinha sido morto. Quando viram seus camaradas da Universidade passando

de braços erguidos, rendidos, devem ter entendido que tudo estava perdido. Mesmo assim, esperavam ordens do chefe, Jorge González von Mareés, que se comunicava por rádio da casa de Enrique Zorrilla Concha, na Rua *Ministro Carvajal*, 33. Ali, junto com Oscar Jiménez Pinochet e Pedro del Campo, ele tinha montado o quartel-general.

O que aconteceu a seguir é conhecido. Foi testemunhado pelo Auditor Militar Leonidas Bravo, que estava presente e registrou os fatos. Ele os descreve em seu terrível livro, “*Lo que Supo um Auditor de Guerra*”.

E a ordem finalmente dada ao General da Polícia, Humberto Arriagada — que ele repassou aos seus oficiais, e estes à tropa — foi: “Matem todos! Não deixem ninguém vivo!”

Os jovens nazistas, que haviam se rendido na Universidade, já marchavam em filas de três ou mais pela rua *Bandera*, entre *Agustinas* e *Huérfanos*, em direção ao Quartel da Diretoria de Investigações, quando foram alcançados por um oficial da Polícia, correndo. E ele lhes deu a ordem de retornar.

Forçaram a entrada deles no edifício do *Seguro Obrero*, na "Torre do Sangue" — que ainda está lá, intacta, mas não funciona mais como sede do Seguro Social. Mandaram um dos jovens subir as escadas — ainda impossíveis de invadir — para pedir aos camaradas que se rendessem, já que tudo havia acabado e nada aconteceria a eles, assim como com os que estavam na Universidade. Depois de

várias tentativas, os que resistiam foram convencidos. E começaram a descer com lenços e camisas nas mãos, agitando como bandeiras brancas.

E ali mesmo começou o massacre.

Quando perceberam que seriam assassinados, alguns deles entoaram o *Hino de Combate das Tropas de Assalto Nazistas*, com a melodia do *Horst Wessel* do nazismo alemão. E outro (Pedro Molleda) gritou: “*Não importa, camaradas! Nosso sangue salvará o Chile!*”.

Mataram todos, exceto quatro. A golpes de baioneta, facadas e coronhadas, agarrando-os já feridos entre dois policiais — um segurando os braços e outro os pés — para executá-los, esmagando-os contra o muro, evitando que os disparos fossem ouvidos na rua, que as balas ricocheteassem nas paredes e os atingissem. Depois, saquearam-nos, despojando-os de tudo: cortaram seus dedos para arrancar anéis; suas mãos, para levar relógios de pulso. Foi um massacre inimaginável. O Auditor Bravo relata que, ao entrar e tentar subir as escadas, era impedido pelos cadáveres mutilados e pelo sangue que escorria pelos degraus. Todos os corpos tinham os braços abertos, prova de que estavam rendidos quando foram massacrados. Na Universidade do Chile, ele também viu mortos e poças de sangue.

Os jovens nazistas, mortos e massacrados, dentro do edifício do Seguro Obrero.

No *Seguro Obrero*, também mataram dois civis que não tinham nada a ver com o ocorrido e, por engano.

Apenas quatro nazistas se salvaram, escondidos sob os cadáveres, confundidos com mortos. De repente, chegou o parlamentar Raúl Marín Balmaceda, que havia ouvido tiros da rua. Forçou a entrada, fazendo valer sua imunidade parlamentar. Horrorizado com a cena, gritou: “*Tem alguém vivo? Sou o deputado Raúl Marín e vim ajudá-los, salvá-los!...*”.

Então, como fantasmas, levantaram-se entre os mortos os quatro nazistas sobreviventes. Raúl Marín estendeu os braços e, tentando protegê-los e abraçá-los, os levou para a rua, todos agora cobertos com o sangue dos heróis sacrificados.

O que há no ser humano?

O que há em nosso sangue?

Por anos e anos, faço essa pergunta. E não há resposta — ou não quero que haja. Quando lembro daqueles acontecimentos horríveis de 5 de setembro de 1938, volto a perguntar, tentando atravessar a escuridão, rasgar o véu que encobre a verdade. E digo a mim mesmo: uma coisa é receber ordens; outra, bem diferente, é cumpri-las. E mais: por que cumpri-las assim? "*Matem os rendidos! Braços erguidos! Matem todos!...*" Como é possível? Como pode ser?

Isso se repete ao longo da nossa história:

- O suplício macabro de Caupolicán;

- O assassinato de Portales, feito da maneira mais brutal: de joelhos, algemado, com um tiro que arrancou sua mão e metade do rosto. Depois, mesmo morto, crivaram seu corpo de balas, baionetadas e facadas. Tiraram suas roupas e continuaram a esfaqueá-lo nu;

- A revolta contra Balmaceda, marcada por crueldade e saques generalizados;

- Na Guerra do Pacífico, as tropas chilenas invadindo Lima e La Paz, saqueando cidades e matando sem piedade.

É algo animalesco, um ritual — como os galgos que perseguem, mordem e destroçam a lebre incapaz de fugir. É o gato brincando com o rato antes de esfolá-lo.

Esses policiais, esses oficiais, poderiam ter se recusado a cumprir a ordem de massacrar os rendidos; em vez disso, dedicaram-se a executá-los com fúria, com ódio; ousaria dizer até com prazer. O que há aqui, na raça, de maldade congênita, de ferocidade bestial, de crueldade? Podemos entender que a tropa seja semianimal, infrahumana... Mas e os oficiais que permitiram e participaram? Que mal congênito existe na raça, no mestiçamento, que don Nicolás Palacios não viu? Porque isso se repetiu no Golpe Militar de 11 de setembro de 1973 (sempre o fatídico mês de setembro). Pinochet disse, quando resistia a dar o golpe: "*Se a polícia sair às ruas, é diferente; mas quando o Exército sai, sai para matar...*". Ele se enganou: a polícia também.

Sim! A raça, o mestiçamento de espanhol com araucano. Mas há algo mais, que toca o gênero humano, a condição humana em geral. Ali estão o sacrifício e a tortura de cátaros e templários, a *Guerra Civil espanhola*, com suas crueldades indescritíveis, as gravuras de Goya sobre a Guerra da Independência... O assassinato de Mussolini e Clara Petacci... O assassinato de Rudolf Hess, após anos de tortura na prisão... Então, o quê? Por quê? E os guarda-costas de Indira Gandhi, que a assassinaram, tão frágil, tão indefesa? Os "Direitos Humanos"... Que risíveis! São uma hipocrisia e têm um limite intransponível: a condição humana. Mais ainda: o Demônio no Humano, pois o animal, exceto o gato, não mata por crueldade, mas por necessidade. O homem sim.

Como se houvesse um demônio que entra e sai dele.

Até o gato, quando brinca com o rato, age assim porque a carne fica mais macia e saborosa por causa de uma substância que o rato libera de tanto medo. Aqui há uma explicação, um motivo claro.

Mas no homem não existe nada disso para justificar sua loucura e ferocidade. A menos que seja para satisfazer um demônio que o controla, num ritual necessário para alimentá-lo — algo que deixa a carne humana mais macia e saborosa —, igual ao gato.

Gravura de Goya que ilustra as torturas na Espanha durante a Guerra da Independência contra o domínio de Napoleão.

E é nisso que eu acredito: Um demônio que trabalha de fora e, então aqui, usa seus servos — unidos em sociedades secretas e equipados com armas psicotrônicas, magia negra e rituais sombrios — para preparar seu alimento. De tempos em tempos, ele provoca guerras, massacres e incêndios florestais gigantescos, mantendo seu "curral de vítimas" sempre abastecido e pronto nesta terra.

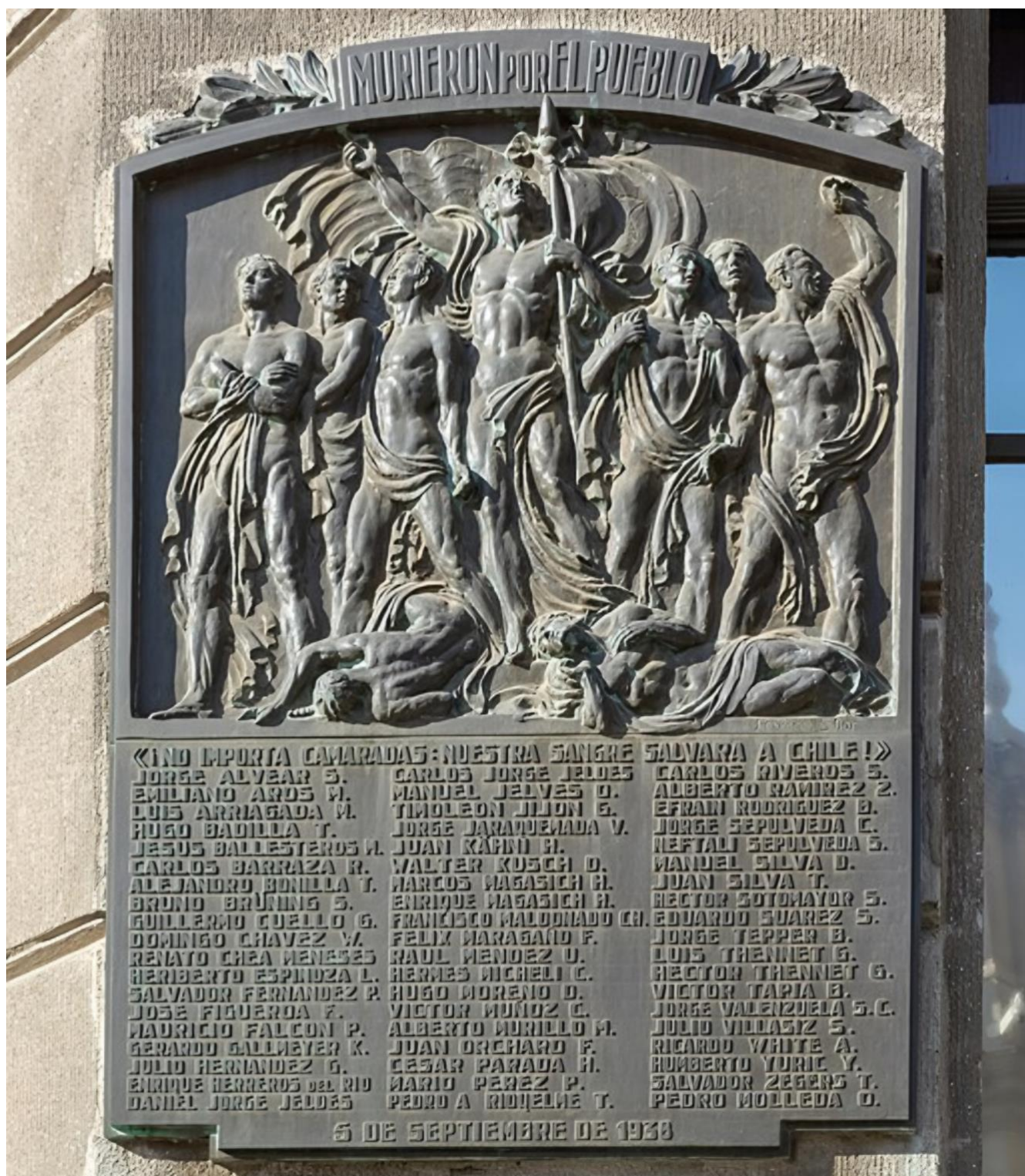
O Chile é um país de terremotos, e isso molda o jeito de ser do seu povo: que os torna solidários nas crises, mas também instáveis e esquecidos, com uma memória curta, já que querem apagar da mente a tragédia, a desgraça, o terremoto, até que o próximo aconteça — algo sempre esperado, guardado no inconsciente. Dá para dizer que o Chile é um país de abalos, onde os dramas se repetem como febres que voltam de tempos em tempos, são enfrentadas e depois caem no esquecimento.

Foi assim também com o massacre dos jovens nazistas em 5 de setembro. Um horror varreu o país de norte a sul, de ponta a ponta, quando o país acordou no dia seguinte e nas semanas seguintes. E depois… silêncio.

As reações foram múltiplas e manipuladas para que durassem até as próximas Eleições Presidenciais[1], servindo à causa da esquerda e do candidato da Frente Popular. O sentimento foi utilizado, direcionando-o contra o regime de Alessandri, contra Salas Romo (Ministro do Interior), contra Waldo Palma (Diretor da Polícia Civil), e, sobretudo, contra Gustavo Ross Santa María, o candidato presidencial da direita que, não fosse o holocausto e sua hábil exploração pela esquerda, teria sido o vencedor. Por isso, não

[1] Como se está fazendo hoje com o Informe Valech

houve escritor de esquerda no Chile, nem poeta, jornalista ou jornal, que não manifestasse sua indignação, que não rasgasse suas vestes, com crônicas inflamadas e poemas, condenando o crime, exaltando os mártires e manifestando sua consternação pelo evento horrível, o massacre inusitado e covarde. No entanto, tudo isso parou no limiar onde se escondiam os segredos, como era de se esperar, esgotando-se, no final, na expressão verbal do horror, sem chegar a nada sério, como sempre acontece no país das febres intermitentes e da hipocrisia. A própria Igreja Católica, que em outros momentos se levantou para aparecer como "campeã dos Direitos Humanos", criando órgãos de assistência quando lhe convinha — para defender seus interesses e "se proteger da tempestade" —, dessa vez manteve um silêncio vergonhoso. Não disse nada; estavam com Ross Santa María.

E foram os mesmos intelectuais que, pouco antes, escreviam contra os nazistas, os que agora os elevavam aos céus. Assim fez Vicente Huidobro, que pouco antes publicara sua *Carta a um Nazista*; Daniel de la Veja, com um poema exaltado, *Entre os Andes e o Mar*; Pedro Sienna intitulou seu poema *Há um Ano*; Víctor Domingo Silva: *Ramo de Loureiro*; “Ayax” (Aníbal Jara): *Com os Braços Erguidos*; Emilio Rodríguez Mendoza também escreveu, e Manuel Lagos, o poeta nazista, em suas *Palavras a César Parada*.

Placa comemorativa ao lado do edifício onde os jovens nazistas chilenos foram assassinados em 5 de setembro de 1938. Ela ainda está lá.

A Religião da Tortura

e

A Religião do Holocausto

O *Informe Valech* foi cuidadosamente preparado para que, um dia no Chile, possa-se dizer: "*Antes do Informe Valech*" e "*Depois do Informe Valech*", substituindo a "Religião do Marxismo", em decadência total, assim como a "Religião do Holocausto" passou a substituir, para os judeus, a lenda do cativeiro no Egito, a travessia do Mar Vermelho e até o Gênesis. Da mesma forma que hoje não há judeu sem parentes que "não tenham morrido em uma câmara de gás" e precise ser recompensado com dinheiro dos arianos, também não haverá comunista ou terrorista que "não tenha sido torturado pelo Regime Militar". Assim como hoje todo o povo alemão se sente culpado, o Exército chileno, incluindo a Polícia e os civis que participaram de seu Governo, deverão ser vítimas do complexo de culpa — um complexo "metafísico de culpa", como o dos cristãos. Haverá, ainda, "Museus da Tortura", como os "Museus do Holocausto", e até monumentos usados de forma política e comercial.

“Magnífico! Cumpriu exatamente o que foi ordenado...”[2]

[2] Sinal de reconhecimento maçônico ao apertar as mãos.

Hipnose

A maioria dos chilenos (incluindo governantes, parlamentares e até o Poder Judiciário) está sob hipnose, de modo que uma minoria, controlada de algum ponto do exterior, possa manipulá-los e direcioná-los para onde quiser.

A preparação final do *Informe Valech* coincidiu com a realização do *Congresso Mundial Maçônico no Chile*. Não é necessário destacar a importância dessa seita em nossa América e no mundo, especialmente desde a Revolução Francesa. Ela é a promotora da Independência, controlada a partir de um centro em Londres, com a *Loja Lautarina*, à qual pertenciam todos os “Pais da Pátria”, que, além disso, por este e outros motivos, também foram vítimas da Inquisição.

Lênin e Marx eram maçons. A Revolução Russa foi obra deles. Desse modo, muitos dos marxistas chilenos são maçons. No Partido Socialista, existiu uma disputa surda (e sórdida) entre maçons e não maçons. Salvador Allende era maçom; Raúl Ampuero, antimaçom.

O Poder Judiciário chileno é, em sua maioria, maçom. Lagos é maçom e se coordena (e é coordenado) com seus “irmãos” maçons do Exército e das Forças Armadas. Também houveram cardeais e papas maçons.

“Não precisamos falar... Nós dois sabemos para onde vamos... Saúde!”

Seria extremamente grave, então, se a Maçonaria — uma seita a serviço do Poder Mundial Judaico, juntamente com a Igreja Católica — tivesse decidido acabar com a Nação chilena para criar, do paralelo 40 até a Antártida, um novo país independente. Tragicamente, a ação deste governo parece mover-se nessa direção, destruindo primeiro nossas Forças Armadas, para que jamais possam intervir novamente e impedi-lo.

“Obedecendo às ordens...”

“Aqui sou eu quem manda... Quanto precisam para as novas Eleições?... E todo o Sul é meu!”

E o Exército chileno, assim como a Polícia (os “Carabineiros”), foi a última grande Força Armada existente no mundo, após o desaparecimento do Exército prussiano.

“Faremos conforme nos ordenam...”

História do Povo Judeu

de Herman Wirth

Foi bom lembrar aqui do meu amigo de outras épocas, Roberto Vega. Falando nele, quero também trazer à memória o professor alemão Herman Wirth — filósofo, antropólogo e arqueólogo —, autor da obra monumental *A Aurora da Humanidade*. Conheci ele na Alemanha. Na época, ele me contou que estava escrevendo *A História do Povo Judeu*, uma pesquisa profunda e definitiva, que já estava quase pronta. Ele ditava o texto para alguns jovens secretários de origem italiana e alemã, que tinham sido indicados pelo Vaticano. O Professor Wirth tinha mais de 90 anos e, pouco depois, adoeceu e morreu. Desde então, ninguém nunca mais mencionou esse trabalho que ele me revelou (assim como as *Memórias de Roberto Vega*). O que aconteceu com os originais? Provavelmente estão guardados nos cofres mais secretos do Vaticano ou em alguma sinagoga.

A perda disso é como perder um continente inteiro.

Os Jovens Heróis-Mártires, Massacrados em 5 de Setembro de 1938

O monumento memorial sob a luz do entardecer.

LISTA DOS HERÓIS-MÁRTIRES

FRANCISCO MALDONADO

GUILLERMO CUELLO

HECTOR JELVEZ

HERIBERTO ESPINOZA

HERMES MICHELI

HUGO MORENO

JORGE ALVEAR

JORGE VALENZUELA

JOSE SOTOMAYOR

JOSE FIGUEROA

JUAN KÄHNI

JUAN SILVA

JULIO VILLASIZ

LUIS ARRIAGADA

MARIO PEREZ

MAURICIO FALCON

MOISES CARREÑO

NEFTALI SEPULVEDA

PABLO ACUÑA

PEDRO RIQUELME

PEDRO MOLLEDA | RAUL MENDEZ | RENATO CHEA | RICARDO WHITE

SALVADOR ZEGERS | TIMOLEON JIJON | VICTOR MUÑOZ | VICTOR TAPIA

WALDEMAR RIVAS | WALTER KUSCH | CARLOS BARRAZA | CARLOS JELDES

DANIEL JELDES | ENRIQUE HERREROS | FELIX MARAGAÑO | FRANCISCO MALDONADO

GERARDO GALLMEYER | HECTOR THENNET | HUGO BADILLA | HUMBERTO YURIC

JESUS BALLESTEROS · JORGE JARAQUEMADA · JORGE SEPULVEDA · JORGE TEPPER

JUAN ORCHARD · LUIS THENNET · MANUEL JELVES · MANUEL SILVA

SALVADOR FERNANDEZ · JULIO HERNANDEZ · ALBERTO MURILLO · EDUARDO SUAREZ

Juan Diego Dávila, um dos últimos sobreviventes daqueles anos. Salvou-se por chegar tarde à tomada da Universidade do Chile.

LOS CAMARADAS DEL MOVIMIENTO
NACIONAL SOCIALISTA DE CHILE
A SUS MARTIRES EN EL
CINCUENTENARIO DE SU SACRIFICIO
5-IX-1938
5-IX-1988

"¡No importa, camaradas!
¡Nuestra sangre salvará a Chile!".

de Pedro Molleda,
al ser masacrado en el edificio del Seguro Obrero
(la "Torre de la Sangre")
el 5 de septiembre de 1938.

Y su sangre no salvó a nadie.